

Clipping and Press Report - WITNESS: “Deepfakes in Brazil - Prepare Now”

- 1) Mainstream Media - Uol; Estado de São Paulo (2); Folha de São Paulo (online/newspaper); O Globo; Veja (online/magazine); Zero Hora; Diário Catarinense; Yahoo Brasil.
- 2) Technology Media - [Uol Tilt](#); [Techtudo](#); [CanalTech](#); [Na Rede - Diário do Nordeste](#)
- 3) Mentions in Op-Eds/Columns - [Folha de São Paulo](#); [O Estado de São Paulo](#)
- 4) Hits in General - 38 (as listed at the end of the presentation) + 4 mentions in newspaper/magazine - Folha de São Paulo (17th October); Veja (edition by 18th October 2019); Editorial O Estado de São Paulo (19th October); Column Folha de São Paulo (19th October).

> Media return: [R\\$ 982.253,00](#)

> Audience: [10.725.999](#)

- [Source of information: Meltwater International/Em Pauta \(Brazilian Clipping Media\)](#)

‘Não devemos entrar em pânico, e sim nos preparar contra deepfakes’

Especialista alerta sobre fenômeno de falsificações que combinam imagens usando inteligência artificial

ENTREVISTA
SAM GREGORY

Nelson de Sá

são Paulo. Não devemos entrar em pânico. É o conselho de Sam Gregory, 45, diretor da organização Witness, de promoção da tecnologia para a defesa dos direitos humanos, sobre as deepfakes. Em vez disso, devemos nos preparar, acrescenta ele.

Deepfake é como se convenção chamar a combinação de imagens, usando uma técnica de inteligência artificial denominada aprendizado de máquina. É usada, por exemplo, para sobrepor o rosto do ator Nicolas Cage sobre outros, em paródias online.

O fenômeno está se ampliando. Segundo a holandesa Deeptrace Labs, o número de vídeos deepfake cresceu 84% neste ano no mundo. Mas o dado mais importante, segundo Gregory, é que 96% são combinações pornográficas, atingindo mulheres.

Ou seja, no momento, a questão urgente é de violência de gênero. E ainda há tempo, diz o especialista, para uma preparação melhor das plataformas, dos jornalistas e do público, em comparação com o impacto de ondas anteriores de desinformação.

Gregory fala nesta quinta-feira (17) no seminário Desinformação: Antídotos e Têndencias, que a ANJ (Associação Nacional de Jornais) realizou em São Paulo.

Existem estudos mostrando o crescimento das deepfakes e quanto delas é pornografia? Os dados mais recentes, da Deeptrace Labs, mostram que o número de deepfakes no mundo quase dobrou em sete meses. Mas o mais preocupante é que 96% são imagens sexuais não consensuais. Aveses e pornografia com características sem seu consentimento ou com pessoas comuns. E já sabemos de casos em que jornalistas foram atacados, como as brechas fabricadas na indiana Bana Ayyub.

É importante pensarmos não nos deepfakes, no momento em questão de violência de gênero. Mas que não vamos ficar desolados ou inibidos, ficando cada vez melhores, sendo ainda mais preparados. Temos uma janela de oportunidade, antes que as deepfakes se tornem ainda mais difundidas, para nos prepararmos melhor para elas do que fomos na onda anterior de desinformação.

Embora exista uma preocupação real, não estamos nos ajudando se proclamarmos “o fim da verdade”. O que pode



Deeptrace

Sam Gregory, 45

Especialista em novas formas de desinformação, é diretor da Witness, organização fundada em 1992 para divulgar o uso de tecnologia e a defesa de direitos humanos, presente em mais de cem países. Formado em Oxford, fez mestrado em política pública na Harvard Kennedy School, onde lecionou de 2010 até o ano passado. Atende instruções como First Draft, se combate a desinformação, e a Centre for Digital Interference.

Observaram que seria possível colocar em risco os dados dos comitês corporais. Ou eles teriam o mandato de usar o vídeo, removendo o objetivo alterando o fundo.

Insuficiente de recursos de jornalistas. Também se preocupam com o modo como as pessoas com poder usuário isso para afirmar que algo que aconteceu é uma fraude, como começam a questionar o conteúdo do vídeo.

Isso tudo é verdade, especialmente quando você pensa nas deepfakes como parte de uma categoria mais ampla de novas formas de manipulação, orientadas por inteligência artificial, que permitem

66 Os modelos de deepfakes estão ficando cada vez melhores, sendo ainda mais preparados. Temos uma janela de oportunidade, antes que as deepfakes se tornem ainda mais difundidas, para nos prepararmos melhor para elas do que fomos na onda anterior de desinformação.

Embora exista uma preocupação real, não estamos nos ajudando se proclamarmos “o fim da verdade”. O que pode

ser fazer coisas como criar uma simulação do rosto de um dos membros corporais. Ou eles teriam o mandato de usar o vídeo, removendo o objetivo alterando o fundo.

Insuficiente de recursos de jornalistas. Também se preocupam com o modo como as pessoas com poder usuário isso para afirmar que algo que aconteceu é uma fraude, como começam a questionar o conteúdo do vídeo.

Isso tudo é verdade, especialmente quando você pensa nas deepfakes como parte de uma categoria mais ampla de novas formas de manipulação, orientadas por inteligência artificial, que permitem

66 Os modelos de deepfakes estão ficando cada vez melhores, sendo ainda mais preparados. Temos uma janela de oportunidade, antes que as deepfakes se tornem ainda mais difundidas, para nos prepararmos melhor para elas do que fomos na onda anterior de desinformação.

Embora exista uma preocupação real, não estamos nos ajudando se proclamarmos “o fim da verdade”. O que pode

O que será mais importante a partir de agora, de smocarar uma deepfake ou confirmar um vídeo é real? Haverá uma verificação mais para provar a realidade, seja demonstrando falsidade ou confirmando a veracidade. O problema com as deepfakes e outras mídias sintéticas é que nem as pessoas comuns nem os jornalistas e checadores estão equipados para discerni-las.

Há experiência em jornalismo no que é chamado de “verificação de código aberto”, em que você monitora a origem dos vídeos e garante que eles não foram reciclados ou manipulados. No entanto, mesmo os jornalistas com essa experiência não possuem habilidades extras para detectar deepfakes.

Não podemos esperar que pessoas comuns identifiquem as deepfakes. Claro, no momento, não há mais discernimento, pelas falhas nos vídeos, mas isso será corrigido com o tempo. E isso pode ajudar a identificar um vídeo comparando em grupo de WhatsApp, em busca de resolução.

Como WhatsApp, Facebook, YouTube e outros podem ajudar nisso? Precisamos de ferramentas técnicas amplamente disponíveis para complementar o raciocínio humano. Plataformas como Facebook e Google podem detectar deepfakes prejudiciais ou mal-intencionadas e levá-las a serviços de checagem ou removê-las em suas plataformas. Além disso, também podem fornecer um serviço de detecção mais amplo.

Será um jogo constante de gato e rato, mas elas devem criar detectores e disponibilizá-los de forma mais sofisticada aos jornalistas, para que eles possam detectar e mais rapidamente, capturar e detectar no público.

O E-público? Não devemos pressionar demais os consumidores de notícias. É o acho que a educação midiática fundamental para permitir que as pessoas mostrem habilidades de julgamento com base na fonte, na credibilidade e na rapidez com que se espalham.

Isso porque pesquisas já mostram que as pessoas não conseguem identificar facilmente a manipulação sutil baseada em inteligência artificial, como deepfakes de sincronização labial. Em vez de pedir às pessoas que identifiquem as deepfakes por conta própria, precisamos educar as plataformas para que elas possam oferecer melhores serviços ao público sobre uma manipulação, com sinais visuais que possam complementar a educação de mídia.

Como WhatsApp, Facebook, YouTube e outros podem ajudar nisso? Precisamos de ferramentas técnicas amplamente disponíveis para complementar o raciocínio humano. Plataformas como Facebook e Google podem detectar deepfakes prejudiciais ou mal-intencionadas e levá-las a serviços de checagem ou removê-las em suas plataformas. Além disso, também podem fornecer um serviço de detecção mais amplo.

Será um jogo constante de gato e rato, mas elas devem criar detectores e disponibilizá-los de forma mais sofisticada aos jornalistas, para que eles possam detectar e mais rapidamente, capturar e detectar no público.

O E-público? Não devemos pressionar demais os consumidores de notícias. É o acho que a educação midiática fundamental para permitir que as pessoas mostrem habilidades de julgamento com base na fonte, na credibilidade e na rapidez com que se espalham.

Uma parte final dessa equação é sobre política. Essa é uma tarefa difícil, mas precisamos adotar normas éticas sobre como as pessoas usam deepfakes enganosos na política. Antes que o uso se generalize, devemos pressionar os políticos se comprometerem a não usar deepfakes em suas campanhas. Nas recentes eleições europeias, muitos assumiram esse compromisso.

Nos Estados Unidos, infelizmente, só um candidato à Presidência assumiu.

Um encontro no Brasil, em julho, a necessidade de educação midiática foi uma das principais conclusões. Qual deve ser o foco principal de uma educação sobre deepfakes? Organizamos duas reuniões no Brasil, para entender como priorizar as ameaças e soluções. As principais conclusões foram de que precisamos investir mais conhecimento de mídia que lide com as deepfakes, mas também que as pessoas ainda não chegam a um acordo quanto às falhas existentes.

Os participantes de grupos baseados nas redes sociais afirmaram a importância de ouvir primeiro sobre o que as pessoas estão preocupadas e fundamentar a educação midiática em influenciadores online e offline, como estrelas do YouTube e músicos baseados em streaming.

Compreendo o otimismo das pessoas em relação à educação midiática sobre notícias falsas. Nas sociedades polarizadas, sabemos que não é apenas a dimensão de falsidade que importa para as pessoas, quando elas avaliam e compartilham informações.

Newspaper Folha de São Paulo (left) and online version (right) - 10/17/19

Desinformação: Antídotos e Têndencias

Quanto (17), dia 09/12 às 13h. Onde Teatro Unibes (Unibes Cultural), e Oscar Freire, 2.500 inscrições.

PH ABERTURA

Microscópio, presidente da ANJ

PH1 DEEPFAKES

A origem das deepfakes e Sam Gregory, diretor da Witness

PH2 DESINFORMAÇÃO NAS ELEIÇÕES

Daniel Brantus, presidente da ABRA (Associação Brasileira de Jornais Investigativos), Ana Cristina Nova, assessora do 134, e Sérgio Pinheiro, diretor de Operações do Frop (Instituto para o Desenvolvimento de Jornalismo)

PH3 DESINFORMAÇÃO E A DESINFORMAÇÃO

Alan Greg, diretor de Redação e O Globo, Diane Kuhl, coordenadora do Grupo de Pesquisa da PH2, Murilo Garavito, diretor de Conteúdo do UOL

PH4 OS JORNALISTAS

Alan Greg, diretor de Redação e O Globo, Diane Kuhl, coordenadora do Grupo de Pesquisa da PH2, Murilo Garavito, diretor de Conteúdo do UOL

PH5 O MUNDO

Sérgio Pinheiro, diretor de Operações do Frop (Instituto para o Desenvolvimento de Jornalismo)

FOLHA DE S.PAULO

Não devemos entrar em pânico, e sim nos preparar, diz especialista em deepfakes

Diretor de organização fala sobre fenômeno das falsificações profundas, que combinam imagens usando inteligência artificial

f t w i

Nelson de Sá

são Paulo. Não devemos entrar em pânico. É o conselho de Sam Gregory, 45, diretor da organização Witness, de promoção da tecnologia para a defesa dos direitos humanos, sobre as deepfakes. Em vez disso, devemos nos preparar, acrescenta ele.

Deepfake, falsificação profunda, é como se convenção chamar a combinação de imagens, usando uma técnica de inteligência artificial denominada aprendizado de máquina. É usada, por exemplo, para sobrepor o rosto do ator Nicolas Cage sobre outros, em dezenas de paródias online.

O fenômeno está se ampliando. Segundo a holandesa Deeptrace Labs, o número de vídeos deepfake cresceu 84% neste ano no mundo. Mas o dado mais importante, segundo Gregory, é que 96% são combinações pornográficas, atingindo mulheres.



Sam Gregory, especialista em novas formas de desinformação, durante palestra no MIT, nos EUA

Ou seja, no momento, a questão urgente é de violência de gênero. E ainda há tempo, diz o especialista, para uma preparação melhor das plataformas, dos jornalistas e do público, em comparação com o impacto de ondas anteriores de desinformação.

Gregory fala nesta quinta (17) às 9h15 no seminário Desinformação: Antídotos e Têndencias, que a ANJ (Associação Nacional de Jornais) realizou em São Paulo. Participam do evento, entre outros, os diretores de Redação da Folha, Sérgio Dávila, e de O Globo, Alan Greg, e o diretor de Conteúdo do UOL, Murilo Garavito.

Deepfakes podem promover violência de gênero com vídeos pornográficos

Relatório divulgado pela Witness nesta quarta-feira (16) mostra os desafios enfrentados pelos brasileiros para combater deepfake

Por Beatriz Cardoso, da Redação

16/10/2019 14h01 - Atualizado há 5 dias

A tecnologia **deepfake** permite produzir vídeos manipulados em que é possível mostrar indivíduos fazendo ou falando coisas falsas. A tática é usada com diferentes fins na Internet, como forma de sátira e até a difamação de pessoas. Pensando nos riscos da popularização de cliques do tipo nas redes, a organização Witness, que defende a utilização responsável de deepfakes, divulgou nesta quarta-feira (16) o relatório da convenção "Deepfakes e Mídia Sintética Prepare-se Agora", que ocorreu em 25 de julho, em São Paulo.



Techtudo/G1 -
10/16/19

O objetivo do levantamento é promover a discussão sobre vídeos manipulados com uma abordagem menos centrada nos Estados Unidos ou na Europa. As principais vítimas da nova tecnologia são grupos marginalizados, como ativistas, movimentos sociais e mulheres. Por exemplo, **deepfakes pornográficos se popularizaram no último ano** com a manipulação de imagens de celebridades como Gal Gadot e Emma Watson.



Deepfake tem potencial para promover cidadania, mas também é usado para vídeos pornográficos falsos. — Foto: Reprodução/Instagram

De acordo com o relatório da Witness, uma solução seria desenvolver ferramentas específicas para o combate ao deepfake, e compartilhá-las com a população. Por exemplo, da mesma forma que o deepfake é uma **inteligência artificial** (IA) programada para criar vídeos falsos, seria possível treinar uma IA para detectar a manipulação de vídeo em si. Ainda, a IA poderia aprender o estilo de fala e movimento de alguém para indicar possíveis inconsistências em vídeos.

Via **Witness**

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Deepfake: como você pode ser afetado pela onda dos vídeos falsos



Uma deepfake com Mark Zuckerberg, criador do Facebook, quase convenceu



Bruna Souza Cruz
De Tilt, em São Paulo

16/10/2019 14h45



Sabe aquela história de "eu só acredito vendo"? Em tempos de inteligência artificial (IA), essa premissa chega a ser até perigosa. O poder de convencimento da chamada deepfake (vídeos manipulados) tem crescido e os casos mais comuns envolvem violência de gênero e o uso de figuras públicas.

É uma das observações presentes no relatório "Deepfakes no Brasil - Prepare-se Agora", desenvolvido pela Witness, organização global que promove o uso da tecnologia de vídeo na defesa de direitos humanos e no jornalismo cívico, e divulgado nesta quarta-feira (16).

Um extenso levantamento mostra que a desinformação que o Brasil enfrenta permite que esses vídeos manipulados com ajuda de IA se tornem cada vez mais populares e convincentes.

Confira a seguir destaques importantes sobre o tema:

**UOL Tilt
(technology)
10/18/19**

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Vídeos manipulados, deepfakes podem fomentar violência de gênero

iPhone 屏幕快照



Página do app Zao, de troca de rostos (deepfake) na App Store chinesa
Imagem: Reprodução

De **Universa**, em São Paulo
16/10/2019 20h20

O aumento do uso da tecnologia deepfake, que permite manipular vídeos de modo a criar a ilusão de que indivíduos estão falando ou fazendo algo falso, tem visado especialmente a violência de gênero com ataques virtuais a mulheres. É o que diz o relatório divulgado hoje pela organização Witness, voltada para a luta de direitos humanos. O documento foi elaborado com base em uma convenção sobre o tema realizada em junho deste ano.

"Atualmente, os deepfakes frequentemente impactam mulheres, em relação à produção de imagens e vídeos sexuais, manipulados, e não consensuais. Ao mesmo tempo, há temores que essa manipulação audiovisual possa ameaçar várias outras áreas de nossa sociedade", diz trecho do relatório.

O encontro, realizado no Brasil, teve workshops para ajudar a identificar os vídeos falsos e discussões sobre como combater possíveis ameaças derivadas das montagens, que podem acabar denegrindo e satirizando agentes públicos, jornalistas e movimentos sociais.

A Witness propõe que, da mesma forma que a tecnologia de deepfakes foi criada, outra também seja idealizada para detectar quando um vídeo foi alterado.

A organização também alerta para imagens de procedência duvidosa.

"Hoje já começamos a sentir um impacto negativo dos deepfakes em relação à violência de gênero (especialmente por meio de vídeos pornográficos deepfake, o lugar onde tudo começou), mas ainda não por desinformação - embora isso pareça apenas uma questão de tempo", diz o texto.

**UOL
Universa
(Behavior)
- 10/16/19**

Na Rede Podcast 27: Deepfakes são um perigo para além do período eleitoral

Por Daniel Piraciano, daniel.nobre@diariodonordeste.com.br 17 de outubro de 2019 ATUALIZADO EM 17 DE OUTUBRO DE 2019 ÀS 07:25:29

Adulteração de áudios e vídeos pode atrapalhar muito mais do que projetos políticos



Na Rede -
blog by
Diário do
Nordeste -
10/18/19

Imaginem seu rosto em um corpo diferente. Sua voz falando algo que você nunca disse. Isso é real, bem real e já está nas mãos de mentes perversas como também de qualquer um. Estou falando das deepfakes. A adulteração de vídeos e áudios recentemente começou a ser discutida como algo real e um perigo cada vez mais crescente e beirando a perfeição. Desfazer isso pode custar caro e ser quase impossível.

Já vimos os testes no passado com a voz e a aparência do ex-presidente dos EUA, Barack Obama. Era uma brincadeira. Recentemente vimos um quadro humorístico que fez o mesmo com o ministro da Justiça Sergio Moro. Também era brincadeira. Mas e quando não for? Ai é que mora o perigo.

Abaixo discutimos isso através da visão do relatório que trazemos também nas linhas sequenciais sobre os riscos disso para ativistas políticos, mulheres e jornalistas que combatem crimes e corrupção no sistema.



A WITNESS, organização global que promove o uso de vídeos e tecnologia na defesa dos direitos humanos, apresentou, nesta quarta-feira, 16 de outubro, o relatório “Deepfakes no Brasil – Prepare-se agora”, baseado no trabalho realizado no Brasil, mas fundamentado no trabalho global da organização de fornecer informações sobre deepfakes e como se preparar para elas. Deepfakes são maneiras novas de criar com mais facilidade, vídeos e áudio realistas de pessoas fazendo ou dizendo coisas que nunca fizeram.



Hospedagem
de Sites

50%
OFF

Conheça

Home > Internet > Redes sociais

Deepfakes no Brasil | Parte 1: o estado das fake news brasileiras em 2019

Por Rafael Rodrigues Da Silva | 20 de Outubro de 2019 às 18h00

Reprodução

Fake News, o grande mal da internet nos últimos cinco anos e que não deve sumir tão cedo. A popularização das redes sociais tornou esses lugares um terreno fértil para o surgimento e compartilhamento de notícias falsas e, com os avanços da tecnologia, tudo isso promete ficar ainda mais complicado com o surgimento dos deepfakes.

**CanalTech - special
article - part 1 -
10/20/19**

Baseado em um relatório publicado pela WITNESS, uma organização global que apoia o uso de tecnologias audiovisuais para a defesa dos direitos humanos, iremos publicar uma série de reportagens especiais sobre fake news, o que são deepfakes, como elas podem ser usadas para complicar ainda mais um cenário já caótico e o que podemos fazer para nos proteger dessa nova tecnologia.

Nessa primeira parte, falaremos um pouco do estado das fake news no Brasil em 2019, para que possamos entender melhor o que são campanhas de desinformação, como elas são classificadas pelos especialistas e qual é o atual estado que o país se encontra quanto com compartilhamento e aceitação dessas notícias..

Tecnologia

'Deepfake', o novo e terrível patamar das 'fake news'

Vídeos falsos, que simulam o rosto e a voz de pessoas, mas em produções de conteúdo falacioso, são o próximo passo das manipulações virtuais

Por André Lopes
18 out 2019, 14h46 - Publicado em 18 out 2019, 06h00



FAJUTO - Gal Gadot, a Mulher-Maravilha (à esquerda); gravação inseriu o rosto dela em uma produção pornô (à direita). (Divulgação)/Reprodução

Imagine por um segundo: um homem com total controle de bilhões de dados roubados. Todos os seus segredos, vida e futuro", teria dito o criador e CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, em um depoimento gravado. "Devo tudo ao Spectre. O Spectre me mostrou que quem controla os dados controla o futuro", completou. O vídeo supostamente vazado exibe Zuckerberg em um cenário familiar ao de outras de suas declarações — tratando de um assunto que certamente compete a ele. O problema: nada é o que parece ser. Um olhar mais cauteloso entrega a lorota. Ele está com uma postura mais travada que a usual, o rosto levemente desfocado, e faz loas a um tutor, ou seja lá o que for, totalmente desconhecido, o tal Spectre. Resumo da ópera: aquele cara não é Zuckerberg. Trata-se de um avatar criado pelos artistas americanos Bill Posters e Daniel Howemas usando a tecnologia conhecida como *deepfake*. A técnica lança mão da **inteligência artificial (IA)** para inserir rostos reais em cenas falsas com o objetivo de criar um vídeo com alguém dizendo algo que não disse. É um novo e péssimo degrau das **fake news**.

O filme do Zuckerberg de mentirinha viralizou, como quase tudo na internet que incomoda, mas vinha contida nele a ressalva fundamental — é uma contrafação, modo de alardear o perigoso potencial da estratégia de manipulação.

FÁBRICAS DE MENTIRAS

Três exemplos, de diferentes níveis de qualidade e acesso — alguns disponíveis para todos, outros apenas para profissionais —, de programas que criam as gravações forjadas



Qualidade dos vídeos falsos
BAIXA

Como são feitos: com o aplicativo chinês Zao

Como utilizá-lo: está disponível em iPhones e iPads

Como funciona

Com uma selfie da pessoa, é possível inserir o rosto dela no lugar do de uma celebridade, como em cenas de séries de TV e filmes (na imagem, usuário finge ser o ator Leonardo DiCaprio). A movimentação da face é visivelmente artificial

“É necessário, contudo, olhar as *deepfakes* com a possível progressão de uso de qualquer nova tecnologia. Elas se tornarão sempre melhores e mais acessíveis”, disse a VEJA o engenheiro americano Sam Gregory, diretor da Witness, uma organização sem fins lucrativos que promove o uso de tecnologia na proteção dos direitos humanos. Mas talvez não haja risco maior do que o emprego das enganações animadas nas guerras políticas travadas dentro das redes sociais. Há onze anos, quando Barack Obama chegou à Presidência dos EUA, um de seus grandes trunfos de campanha foi a forma como atraiu os eleitores jovens por meio dessas plataformas. A equipe do democrata havia descoberto como poderia utilizar os algoritmos para conquistar militantes on-line e pô-los na rua. Obama foi também o primeiro presidente americano a usar o Twitter, o primeiro a fazer uma live no Facebook, e ainda o pioneiro no Snapchat.

- 7 Em guerra de emojis, Joice devolve insulto de Carlos na mesma moeda
- 8 Mesma rua de Belo Horizonte teve duas quedas de avião em seis meses
- 9 A rentável vida de Bruna Marquezine fora da TV
- 10 Medina é eliminado de forma polêmica e se complica no Mundial de surfe

SUPER OFERTAS

veja Digital

Experimente **GRÁTIS** por 1 mês!
Leia onde quiser e cancele a qualquer momento

Online version - Article Veja - 10/18/19

GERAL | TECNOLOGIA

NÃO É O QUE PARECE SER

Imagine por um segundo: um homem com total controle de bilhões de dados roubados. Todos os seus segredos, vida e futuro", teria dito o criador e CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, em um depoimento gravado. "Devo tudo ao Spectre. O Spectre me mostrou que quem controla os dados controla o futuro", completou. O vídeo espontaneamente vazado exibe Zuckerberg em um cenário familiar ao de outras de suas declarações — tratando de um assunto que certamente compete a ele. O

problema nada é o que parece ser. Um olhar mais cauteloso entrega a lição. Ele está com uma postura mais travada que a usual, o ombro levemente desfocado, e faz isso a um tutor, ou seja lá o que for, totalmente desconhecido, o tal Spectre. Resumo da ópera: aquele cara não é Zuckerberg. Trata-se de um avatar criado pelos artistas americanos Bill Posters e Daniel Howeiras usando a tecnologia conhecida como deepfake. A técnica lança mão da inteligência artificial (IA) para inserir nos rostos reais em cenas falsas com o objetivo de criar um vídeo com alguma di-

zensão algo que não disse. É um novo e péssimo degrau das fake news.

O filme do Zuckerberg de mentirinha viralizou, como quase tudo na internet que incomoda, mas vinha contida nele a resenha fundamental — é uma contrafação, modo de atardecer o perigo potencial da estratégia de manipulação.

Não há uma data exata de nascimento das deepfakes — termo que junta a palavra fake (falso, em inglês) com a expressão deep learning (aprendizado profundo; uma técnica de IA). No entanto, a popularização e o aperfei-

çoamento do método começaram a ganhar atenção no fim de 2017, quando um vídeo pseudo-entrevista, que tratava uma falsa atriz Gal Gadot, de Mulher-Maravilha (2017), foi publicado no site Reddit. Desde então, uma série dessas maquinações, com celebridades e políticos, pipocou internet afora.

Uma análise da empresa de segurança digital Deeptrace, fundada em 2018 para elaborar defesas contra falsificações criadas por IA, revela que o número de deepfakes disponíveis na web quase duplicou entre o fim de 2018 e junho de 2019. De um total de

Vídeos falsos, que simulam o rosto e a voz de pessoas, mas em produções de conteúdo falacioso. São o novo e perigoso degrau das fake news

ANDRÉ LOPES

8.000, saltou para mais de 14.000. A grande maioria — 96% — tem natureza pornográfica.

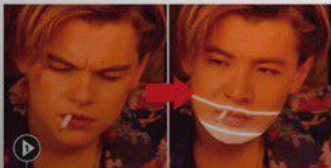
Do lado, digamos assim, leve de sua promessa, as deepfakes têm potencial para o entretenimento. Tome-se como exemplo o aplicativo chinês Zao, lançado neste ano. Com apenas uma selfie, ele permite pôr o rosto de usuários em cenas de filmes e séries famosas, ainda que seja perceptível a movimentação artificial da face. Edições satíricas, como a que transubstancia o ator Alec Baldwin no presidente americano Donald Trump, mos-

tram como se pode alcançar ainda maior veracidade. Já com softwares potentes, como o Synthia, desenvolvido para a indústria cinematográfica e de publicidade, foi possível fazer o ex-jogador de futebol David Beckham falar nove idiomas com extremo realismo, em uma campanha publicitária, em 55 países, que alertava sobre os riscos da malária (veja o quadro abaixo).

É necessário, contudo, olhar as deepfakes com a possível progressão de uso de qualquer nova tecnologia. Elas se tornariam sempre melhores e

FÁBRICAS DE MENTIRAS

Três exemplos, de diferentes níveis de qualidade e acesso — alguns disponíveis para todos, outros apenas para profissionais — de programas que criam as atrações forjadas



Qualidade dos vídeos falsos: **BAIXA**

Como são feitos: com o aplicativo chinês Zao

Como utilizá-lo: está disponível em iPhone e iPad

Como funciona

Com uma selfie de pessoa, é possível inserir o rosto dela no lugar de outro usuário, como em cenas de séries de TV e filmes (os amigos, usuário Page no ator Leonardo DiCaprio). A movimentação da face é visivelmente artificial



Qualidade dos vídeos falsos: **MÉDIA** (somente para profissionais)

Como são feitos: pelo programa de computador Face2Face

Como utilizá-lo: o uso é restrito a cientistas da Universidade Stanford

Como funciona

É possível alimentar o software com um vídeo de no máximo dois minutos de duração e orientá-lo sobre o alvo de deepfake (nome, o sobrenome, o ator Alec Baldwin) ou Donald Trump). A partir disso, trocam-se rostos e vozes para, por exemplo, fazer um depoimento de um político



Qualidade dos vídeos falsos: **ALTA** (somente para profissionais)

Como são feitos: com o software americano Synthia

Como utilizá-lo: atualmente, é adotado por entidades de cinema e publicidade

Como funciona

Por meio de um algoritmo, o programa simula as nuances de rosto para fazer a movimentação, sem a necessidade de um banco de imagens de referência. É comumente utilizado para desenvolver cenas de efeitos especiais (o exemplo acima: o ator/guêrlo de futebol inglês David Beckham)



Não devemos causar pânico sobre deepfakes, diz especialista em tecnologia

Repórteres e editores se reuniram no seminário "Desinformação: antídotos e tendências", da Associação Nacional de Jornais (ANJ)

Alessandra Monnerat
18 de outubro de 2019 | 10h19

A possibilidade de fazer vídeos falsos e realistas usando **inteligência artificial** fez a **ameaça dos deepfakes** ser chamada de "infoapocalipse" e "o fim da verdade". O tecnólogo **Sam Gregory**, diretor de programas da organização Witness, afirma que há motivo para pânico — mas nem tanto. "O problema da retórica do pânico é fazer as pessoas acreditarem que já existem *deepfakes*", disse ele. "A maioria da desinformação hoje não é de *deepfakes* e sim vídeos fora de contexto".

LEIA TAMBÉM > **'O Instagram será o veículo preferido da desinformação', diz estudioso**

Apesar disso, há várias razões para começar a levar esse problema a sério, afirma Gregory. Segundo ele, as técnicas para produzir filmes falsos realistas avançaram rapidamente em poucos anos, e estão se tornando acessíveis pelo celular. Hoje, já é possível criar o rosto de um ser humano que nunca existiu, ou simular com precisão as expressões faciais e corporais de uma pessoa real. Além disso, *deepfakes* já são amplamente utilizados em conteúdo pornô para atingir mulheres.

DESTAQUES EM POLÍTICA

Boatos distorcem conteúdo de vídeo para fazer falsa associação entre Lindbergh e tráfico

Tentação e risco



Textos enganosos distorcem conclusão de primeiro laudo da polícia no caso Ágatha

PUBLICIDADE

Creative Cloud for teams
Talento para negócios.
Planos a partir de R\$ 105/mês.
Compre agora

Adobe

Blog by Estado de São Paulo - 10/18/19

‘Deepfakes’ atingem principalmente mulheres, alerta especialista

De acordo com Sam Gregory, debate sobre vídeos adulterados por inteligência artificial deve focar em público mais vulnerável a ameaças de manipulação

Alessandra Monnerat

20 de outubro de 2019 | 08h44

LEIA TAMBÉM > Não devemos causar pânico sobre deepfakes, diz especialista em tecnologia

Antes do pleito de 2018, havia o temor que os chamados *deepfakes*, vídeos produzidos com inteligência artificial para simular a aparência de uma pessoa, interferissem no processo eleitoral. No entanto, as eleições passaram e esse tipo de conteúdo falso continuou restrito à pornografia, em que os rostos de celebridades e outras mulheres são inseridos em cenas de sexo.

O especialista em tecnologia **Sam Gregory**, diretor da organização Witness, alerta que é necessário centrar a discussão sobre *deepfakes* em proteger as vítimas mais afetadas hoje: as mulheres. Ele também defende que o debate em torno do assunto não fique restrito à Europa e aos Estados Unidos, e que países do hemisfério sul, como o Brasil, também proponham soluções.



**Blog by
Estado de
São Paulo -
10/20/19**

O especialista em tecnologia Sam Gregory em seminário promovido pela Associação Nacional de Jornais (ANJ).
Foto: Witness/Divulgação

Seminário da ANJ debate a disseminação na rede dos ‘deepfakes’

Pesquisador Sam Gregory diz que é cada vez mais difícil saber o que é falso e alerta para vídeos editados com uso de inteligência artificial

SÃO PAULO — Em seminário organizado nesta quinta-feira pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) em São Paulo, jornalistas e especialistas debateram os desafios no enfrentamento da **desinformação digital** e a ameaça à **democracia**. A um ano das **eleições municipais**, um dos painéis do evento — “Desinformação: antídotos e tendências” — teve como foco a preparação das organizações de mídia e profissionais da comunicação para combater conteúdo enganoso propagado em diversas plataformas.



Principal palestrante do evento, o diretor de programa da Witness, tecnólogo e advogado especialista em vídeos manipulados com uso de inteligência artificial, Sam Gregory dedicou sua apresentação a um fenômeno novo, que, segundo ele, é crescente e vem se destacando no conteúdo online: os *deepfakes*. Gregory disse, entretanto, não haver motivo para pânico, mas aconselhou que veículos de comunicação comecem a se preparar desde já para saber identificar e combater a disseminação de imagens e vídeos falsos produzidos por inteligência artificial.

O
Globo
(onli
ne) -
10/1
7/19



O Pesquisador Sam Gregory (à esq.) e o presidente da ANJ, Marcelo Rech, em seminário sobre a disseminação na rede dos ‘deepfakes’ Foto: Divulgação



COMUNICAÇÃO

Seminário da ANJ discute os chamados "deepfakes", a última geração da desinformação

Evento ocorreu nesta quinta-feira em São Paulo e, entre os participantes, está o americano Sam Gregory

17/10/2019 - 16h15 - Atualizada em: 17/10/2019 - 16h36

As fake news foram motivo de preocupação na última eleição no Brasil e devem continuar sendo na próxima, em 2020. Mas as notícias falsas não estarão sozinhas. No trabalho de confundir, mentir e desinformar eleitores, a produção de conteúdo mentiroso ganha novo formato e sofisticação. São os chamados "deepfakes", vídeos feitos a partir da sobreposição de imagens usando inteligência artificial para manipular movimentos da face e da boca e fazer com que pessoas falem algo que nunca falaram.

COMPARTILHE



O ex-presidente americano, Barack Obama, o CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, e o presidente [Jair Bolsonaro](#) já foram alvos dessa técnica. O assunto foi tema da principal palestra do seminário "Desinformação: antídotos e tendências", organizado pela [Associação Nacional de Jornais \(ANJ\)](#) em comemoração aos 40 anos da entidade, na manhã desta quarta-feira (17), em São Paulo.

Leia mais

VERIFICAMOS



Como estão os Portais da Transparência de cinco cidades de SC a um ano das eleições municipais

COMPROVA



É enganosa publicação que associa foto de lixo e entulhos a baderna feita por estudantes na UFSC

O americano Sam Gregory, especialista em novas formas de desinformação e diretor da Witness, organização que defende o uso da tecnologia na defesa de direitos humanos, falou sobre o tema para uma plateia de profissionais da imprensa, pesquisadores e estudantes de jornalismo.

Gregory explicou que, por enquanto, não é tão simples fazer um deepfake. No entanto, é questão de tempo até que qualquer um possa fazê-lo.

— Já existem alguns aplicativos e as técnicas, com certeza, vão se tornar mais fáceis e acessíveis — afirmou.



Diário Catarinense (online) - 10/17/19

Relatório WITNESS: “Deepfakes no Brasil - Prepara-se Agora”.

List of News, articles, notes, which has mention the launch of report.

- 1) <https://www1.folha.uol.com.br/amp/poder/2019/10/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes.shtml>
- 2) <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/16/deepfake-voce-pode-ser-vitima-de-video-falso-com-inteligencia-artificial.htm>
- 3) <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/16/videos-manipulados-deepfakes-podem-fomentar-violencia-de-genero.amp.htm>
- 4) <https://www.techtodo.com.br/noticias/2019/10/deepfakes-podem-promover-violencia-de-genero-com-ideos-pornograficos.ghtml>
- 5) <http://blogs.diariodondeste.com.br/narede/seguranca/na-rede-podcast-27-deepfakes-sao-um-perigo-para-alem-do-periodo-eleitoral/13179>
- 6) <https://canaltech.com.br/redes-sociais/deepfakes-no-brasil-parte-1-o-estado-das-fake-news-brasileiras-em-2019-152981/>
- 7) <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/nao-devemos-causar-panico-sobre-deepfakes-diz-especialista-em-tecnologia/>
- 8) <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/deepfakes-atingem-principalmente-mulheres-alerta-especialista/?amp>
- 9) <https://br.noticias.yahoo.com/amphtml/nao-devemos-entrar-em-panico-104000375.html>
- 10) <https://veja.abril.com.br/tecnologia/deepfake-o-novo-e-terrivel-patamar-das-fake-news/>
- 11) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/amp/2019/10/executivos-da-imprensa-veem-eleicao-de-2020-como-desafio-para-combate-a-fake-news-ck1valb2l01yg01mmace5p3jr.html>
- 12) <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/17/whatsapp-firmara-parceria-com-o-tse-para-combater-desinformacao-em-eleicoes.amp.htm>
- 13) <https://oglobo.globo.com/brasil/seminario-da-anj-debate-disseminacao-na-rede-dos-deepfakes-24025429>
- 14) <https://www.ncsctotal.com.br/noticias/deepfakes-a-ultima-geracao-da-desinformacao>
- 15) <https://opinio.estadao.com.br/noticias/notas-e-informacoes,o-ataque-da-desinformacao,70003055575>
- 16) <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luisfranciscocarvalho/hofilho/2019/10/rostos-e-emocoes.shtml>
- 17) <https://diariopb.com.br/deepfakes-podem-promover-violencia-de-genero-com-ideos-pornograficos/>
- 18) <https://alagoasalerta.com.br/noticias/tecnologia/atencao-deepfakes-podem-promover-violencia-de-genero-com-ideos-pornograficos>
- 19) <https://br.financas.yahoo.com/noticias/deepfakes-no-brasil-parte-1-210000315.html>
- 20) http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/82763/mulheres+e+defensores+dos+direitos+humanos+sao+alvos+de+deepfakes+afirma+sam+gregory
- 21) <https://centraldapauta.com.br/2019/10/17/os-antidotos-da-imprensa-contr-a-desinformacao/>
- 22) <https://propmark.com.br/midia/anj-debate-deepfakes-em-seminario-sobre-crescimento-da-desinformacao/>
- 23) <https://portal.comunique-se.com.br/os-antidotos-da-imprensa-contr-a-desinformacao/>
- 24) <https://politicalivre.com.br/2019/10/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes/>
- 25) <https://falagarulhos.com.br/news/deepfakes-no-brasil-parte-1-o-estado-das-fake-news-brasileiras-em-2019/>
- 26) <http://eshoje.com.br/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes/>
- 27) <https://technanet.com.br/2019/10/20/deepfakes-no-brasil-parte-1-o-estado-das-fake-news-brasileiras-em-2019/>
- 28) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/10/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes-ck1w05xv2021q01mmynqzn8k.html>
- 29) <https://br.noticias.yahoo.com/semin%C3%A1rio-da-anj-debate-dissemin%C3%A7%C3%A3o-003011968.html>
- 30) <https://www.mixvale.com.br/2019/10/18/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes/>
- 31) <https://ornanserapiao.com/2019/10/20/editorial-estadao-o-ataque-da-desinformacao/>
- 32) <https://portalvarada.com/deepfake-o-novo-e-terrivel-patamar-das-fake-news/>
- 33) <https://serendeputy.com/d/102959aa10>
- 34) <https://www.oreporterpr.com.br/jornal/o-ataque-da-desinformacao/>
- 35) <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-violencia-internet/deepfakes-atingem-principalmente-mulheres-alerta-especialista/>
- 36) <https://www.portaldoholanda.com.br/politica-0/nao-devemos-entrar-em-panico-e-sim-nos-preparar-diz-especialista-em-deepfakes>
- 37) <https://www.issoenoticia.com.br/post/os-antidotos-da-imprensa-contr-a-desinformacao>
- 38) <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/10/17/whatsapp-firmara-parceria-com-o-tse-para-combater-desinformacao-em-eleicoes.htm>